



NO BERÇO

Esta era a capital ainda no berço: os edifícios surgiam com o sol e cresciam inclusive nas madrugadas. Era o ritmo de Brasília
BRASÍLIA AOS 5 ANOS — II

PRESIDENTE NO RIO NÃO PASSAVA DE UM SUPERPREFEITO DISTANTE DO PAÍS

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES

Muita gente pensa que a cidade do Rio de Janeiro foi fundada com a finalidade especial de ser a capital do País. Não é esta, porém, a verdade histórica. Seu destino inicial foi o de base militar. Somente 198 anos depois de construída foi que recebeu a sede do governo colonial.

A Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, assim chamada em homenagem ao Rei de Portugal, então menor, D. Sebastião, foi fundada a 1.º de março de 1565, por Estácio de Sá, com finalidades estratégicas. A cidade foi edificada para a luta contra os remanescentes franceses. Mas a capital da Colônia continuou a ser Salvador da Bahia.

Só em 1763, isto é, quase duzentos anos depois de fundada foi que passou a constituir a sede do Governo Central do Brasil. A mudança da capital deveu-se, então, a diversas razões. Mas a principal foi a de ordem fiscal, após a inauguração do ciclo do ouro em substituição ao ciclo do açúcar.

Tem sido grande o divórcio entre a Nação e o Rio, cidade que para crescer vem aterrando o mar, esquecida de que o dinheiro gasto deveria ser empregado em estradas para colonização das imensas e desconhecidas áreas de um país tão vasto. É assim na administração: o desperdício, o hedonismo ou a sinecura. E, no comando da política nacional, só se dá exemplo de nepotismo, de demagogia ou de golpes. Administrando o País, vive mais alheia aos nossos sertões do que, outrora, Lisboa. A imprensa, os hábitos, os costumes, tudo parece refletir um mundo que pode ser tudo, menos Brasil. Tal a mentalidade voltada para o exterior, predominantemente que o próprio Cristo do Corcovado foi colocado com os braços abertos para o mar, de costas para o País.

Esplendor sofisticado

O Rio é uma grande metrópole cosmopolita e, por instinto, sente-se atraída por tudo que é estrangeiro — disse Meira Penna. Procura imitar a Europa, entretanto, depara com as dificuldades de seu clima tropical. Como em todas as cidades cosmopolitas, a sua vida é, de certo modo, artificial, porque lhe falta um contato com as fontes reais da vida e do espírito brasileiro. Lembra a antiga Alexandria e a São Petersburgo do Século XIX. Essas capitais de impérios de outrora foram também estabelecidas no litoral, como janelas abertas a culturas estranhas, e houve, em ambos os casos, um rompimento perigoso com as raízes profundas da nacionalidade. Similarmente, e porque tenta, talvez com demasiado entusiasmo, contemplar a Europa e os Estados Unidos da América, o Rio de Janeiro parece ter virado as costas para o País.

O Rio é certamente uma cidade magnífica num dos mais belos cenários naturais do mundo. Mas seu clima é quente e úmido. Os habitantes procuram nas praias fugir ao calor e Copacabana tornou-se assim um lugar de luxo, prazer e doce far niente. Dezenas de milhares de funcionários públicos vivem nas impressionantes edificações modernas, em torno da baía, mas para muitos deles o serviço do Estado parece ser apenas uma forma de vida fácil, ou mesmo um sistema peculiar de segredo social.

O Rio infelizmente parece constituir um terreno fértil para a burocracia parasitária, onde não existe clima, nem físico nem mental, para um eficiente serviço público, capaz de atender aos problemas urgentes de um colosso de crescimento. Uma cidade veraneio, cercada por todas as sedução da natureza e banhada numa atmosfera luxuriante, uma Cythera onde se pode deitar ao sol, banhar nas águas amenas, e gozar tranquilamente todos os prazeres da vida, não representa, certamente, o sítio ideal para uma capital.

Seriam os Estados Unidos o que são hoje, se a sua capital estivesse, por exemplo, em Miami?

Na verdade, parece às vezes que o País inteiro trabalha para manter no Rio um luxuoso salão de visitas. A cidade é certamente um centro comercial e industrial muito ativo, mas é sobretudo um enorme consumidor de artigos de luxo. Além disso, está superpovoada e se, porventura, umas cem ou duzentas mil pessoas, dependentes do governo, a trocaram por Goiás, os restantes cariocas deveriam ficar de parabéns. Para quem não está de férias, a vida no Rio é caracterizada pelas frustrações que resultam do conflito entre as sedução de seu estúpido cenário natural e as dificuldades da vida moderna num meio desse gênero.

O esplendor sofisticado de uma sociedade de balangandãs, onde os elegantes cronistas sociais, soprando e explorando vaidades da gente bem, catalogam os dez mais, ou os dez menos, numa bizantina hierarquia de valores, inverte e subverte todos os padrões morais, levando em conta apenas a futilidade doirada das lantejoulas, numa atmosfera envolvente a que poucos escapam. Enquanto isso, aumenta-se a distância que separa, em dois mundos sociais, os dois Brasis econômicos: o interior estóico, abandonado, desassistido e pobre, que não se revolta com tamanho desequilíbrio, porque nem tem olhos para ver e nem ouvidos para entender a linguagem da sua metrópole versátil e epicurista, faustosa e parasitária, que, em seu narcisismo, vive maravilhosamente a mirar-se nas águas da Guanabara.

Sem raízes na terra, perdura superficialmente e cresce parasitariamente, no litoral, essa pseudocivilização, que não escapou à mordacidade de Gobineau quando disse que

“o brasileiro é um homem que deseja ardentemente morar em Paris”.

Bovarismo social

E nesse ambiente de bovarismo social, com esta mentalidade coca-cola, que confunde luxo com conforto e ostentação com riqueza, jamais poderá a administração tomar consciência real dos problemas nacionais. Cidade de Moloch, onde grandes esperanças têm sido queimadas entre as clandestinas solicitações do jôgo e as fascinações hedonistas das boites. Cidade Babel, onde a democracia se perde entre o primarismo dos golpes militares e a impostura da demagogia. Paraíso das anedotas, onde se procura sublimar as frustrações diárias em piadas ingênuas ou picanterias.

Neste torvelinho contagiado de ambições, versatilidades e mundanismo, tão diferente e divorciado do padrão de vida do interior, o governo “central” torna-se cada vez mais afastado, física e espiritualmente, da triste e contrastante realidade do resto do país.

Mas não é só. As fascinantes atrações do grande centro, com suas tradições enleantes e seus verdadeiros ou falsos atrativos, em contraste com a monotonia sem horizontes, ou com o desconforto sem oportunidades do sertão, fazem com que elevado e crescente número de brasileiros emigrem para o Rio, na ilusão de melhores dias. Não satisfeitos em devorar, como Saturno, os seus próprios filhos, ei-la a engolir, também, os filhos de outras plagas.

E assim vai crescendo, cada vez mais, a nossa pseudocivilização litorânea.

No decênio de 1940 a 1950, enquanto a população do país aumentou em 26,4% a do Rio aumentou de 35,4%, não obstante o baixo índice de natalidade ali. Isto significa que a população carioca vem crescendo e com mais rapidez do que a população do Brasil, à custa desta.

Há ainda outros aspectos demográficos muito interessantes e que merecem assinalarmos — diz Peixoto da Silveira no seu livro *A Nova Capital*: “Estudando, por exemplo, as migrações interiores no Brasil, verifica-se a grande afluência de amplas correntes demográficas para o Distrito Federal. Segundo o censo de 1950, havia 930.000 brasileiros naturais de outras unidades da Federação, presentes no Rio. Portanto, 43% ou pouco menos da metade dos habitantes do Rio não são cariocas de nascimento. De acordo com aquele censo, a diferença entre os imigrantes recebidos e emigrados cedidos pelo DF, era de 788.000, representando, o mais elevado ganho líquido, então, observado, em números absolutos.

Dai o acentuado índice de crescimento da cidade, agravando, dia a dia, os problemas de alimentação, de transportes, de saúde, de habitação... Em 1950, informam as estatísticas, havia 169 mil moradores nas favelas.

Assim, o aumento vertiginoso da cidade criou uma série de gargalhos, ou de pontos de estrangulamento, que estão tornando cada vez mais difícil a vida da população e a sua própria administração. “A cidade não comporta mais seus habitantes” — informa o prefeito, Francisco Negrão de Lima, em entrevista concedida à revista *Visão* — e a máquina administrativa está emperrada.”

Em reportagem premiada, publicada no *Jornal do Brasil*, o jornalista Jaime Negreiros diz que “Um Susto Pode Matar Copacabana Inteira” — e explica: “Se alta madrugada, quando todos 167.383 (dados da época) habitantes de Copacabana se encontrarem em seu bairro, por motivo qualquer, o pânico os empurrará para as ruas, milhares deles morrerão esmagados, uns pelos outros, como na saída de um cinema em chamas, porque a área livre do bairro — ruas e praças — não comporta sequer a metade da população”.

Problema administrativo

Depois de apreçoar a necessidade da transferência da capital para o bem geral do País, e citar as dificuldades de abastecimento do atual Distrito Federal, afirmando que “o Rio tende a ser cada vez mais uma cidade de vida difícil e consequentemente um foco de inquietação social, escreveu o general Anápio Gomes no seu livro *Radiografia do Brasil*:

“Outro mal da administração pública — este dos maiores e mais graves pelas suas consequências econômicas e sociais — encontra-se na localização da capital do País. Urge transferir a sede do governo central da posição excêntrica em que se encontra, entre mangues e montanhas de granito, longe das fontes de produção dos principais gêneros alimentícios, para uma região central...”

Esse o meio mais eficiente e mais rápido de realizarmos a marcha para Oeste, marcha que é um imperativo para nós. Porque precisamos deter o centripetismo demográfico das grandes cidades litorâneas, a começar pela capital do País. As levadas migratórias que, especialmente nos dois últimos decênios, vêm desertando dos campos para agramar cada vez mais o problema social, econômico e administrativo das grandes cidades costeiras, devem ser detidas na hinterlândia.

Mais ainda: devemos mudar diametralmente a flecha de direção de tais migrações, fazendo-se refluir para o interior a parte da população litorânea parasitária ou sem possibilidades de expandir sua capacidade produtiva. Para esse fim, o primeiro passo deve ser a mudança da sede do governo federal. “Porque de todos os países do mundo, é talvez

o Brasil o que tem sua Capital mais perigosamente localizada, não apenas em face de possíveis conflitos internacionais (a aviação e a bomba atômica tornaram todas as capitais extremamente vulneráveis), mas tendo em vista principalmente a segurança interna. Cidade que respira, por assim dizer, para o mar, onde não somos ainda suficientemente fortes para defendê-la e já não dispomos de marinha mercante adequada para abastecimento; de acesso não muito fácil e vulnerável por via terrestre; duas vias férreas — Central e Leopoldina — com material fixo e rodante em grande parte vindo do exterior e queimando principalmente combustíveis estrangeiros; rodovias onde trafegam veículos importados movidos por combustíveis também importados; cidade que já conta mais de dois milhões de habitantes e cujo abastecimento se torna cada vez mais grave porque os produtos fundamentais de alimentação e até mesmo os secundários vêm de regiões muito distantes: arroz, feijão, farinha, gorduras, dos confins do Rio Grande do Sul, Paraná e Goiás; carne dos extremos de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso; verduras e legumes, de São Paulo; açúcar, em grande parte do Nordeste; trigo, na maior parte, do exterior, sendo os 20% da produção nacional vindos dos confins do Rio Grande do Sul — o Rio tende a ser, cada vez mais, uma cidade de vida difícil e, consequentemente, um foco de inquietação social.

Presidente superprefeito

“Cidade que, pelas razões apontadas e em face de suas desfavoráveis condições topográficas, já excedeu o limite de saturação populacional. E só há um meio de solucionar o problema que se agrava de dia para dia: tirar-lhe a categoria de capital do País. O presidente da República tem grande parte do seu tempo tomado como superprefeito do Distrito Federal. Não exageramos afirmando que o chefe da Nação tem cerca de 40% de seu tempo absorvido pelos dois e meio milhões de habitantes do Distrito Federal. Passem-se, às vezes, dias e dias que o presidente da República não estuda um problema do Amazonas, do Acre, de Mato Grosso, de Santa Catarina, do Espírito Santo, de Goiás, mas raramente se passam algumas horas sem que ele seja atazanado por problemas locais. Já não é mais possível dirigir o Brasil do Rio de Janeiro. O governo supremo do País precisa funcionar em ambiente mais tranqüilo; precisa quanto antes libertar-se de certas pressões sobre ele exercidas por classes ou grupos bem organizados para a defesa de seus interesses que são freqüentemente contrários aos interesses gerais do País.”

“A iniciativa da mudança da capital federal para Goiás responde à velha aspiração do povo brasileiro, que nunca pode compreender ficasse a metrópole distante do coração da Pátria” — disse Vieira de Melo, na Câmara.

Augusto Frederico Schmidt, em artigo sobre “A Nova Capital”, disse: “A necessidade de mudar a Capital está na consciência de todo o mundo. Sou aqui nascido, nesta São Sebastião do Rio de Janeiro; aqui vivi e aqui nascerei quase todos os meus. Mas sei que o Brasil não tomará jeito se não for colocada a sua cidade executiva, a sua alma, fora do litoral, longe da emoliência desta grande vila de vocação amável, deste ambiente de praias e montanhas tão voluptuosas, tão convidativo à preguiça, ao sono, ao devaneio. A vida administrativa brasileira tem de deslocar-se do litoral, tem de despregar-se da beira da praia e caminhar em direção ao interior abandonado do País.

A mudança da Capital para o Centro mais ou menos do território nacional, é um dos poucos acontecimentos capazes de transformar basicamente a nossa existência. Não vejo outra maneira de ensaiarmos a posse do nosso País senão essa.

É uma grande epopeia, um trabalho gigantesco, uma tarefa que nos dará outra dimensão. Precisamos de um revulsivo nos moldes desse que se anuncia.”

Brasil interior

Escrevendo também sobre a mudança da Capital, disse Rachel de Queiroz:

“O Executivo e a sua legião de servidores. O Judiciário e todos os seus sacerdotes, do ministro do Supremo ao meirinho. Todos os ministros e todos os seus Ministérios e todas as suas candelárias. A direção suprema das Forças Armadas e os seus Estados-Maiores. Senadores, deputados juntos com o complexo legislativo em massa. E os tubarões, os banqueiros, os negociantes, a fauna inumerável dos que vivem à sombra do poder, da advocacia administrativa, das bênçãos oficiais. Tudo de mala na cabeça, tudo de muda, tudo abrindo estradas, comprando lote, construindo casa, loja e apartamento no Planalto Central! Só vaga para carro, quantas iremos ter na Esplanada? E quanto carro de menos, desatracando as ruas? E quanto palácio vazio para instalar os serviços do governo carioca que, como bom dono da casa, é o pior agasalhado, e vive em quartos emprestados?”

Creio que não há nenhum outro assunto a respeito do qual se note tal unanimidade de concordância no coração dos brasileiros: a mudança da Capital. Muito difícil é encontrar argumento para discordar.